

Instituto Sedes Sapientiæ
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
4º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
7º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 22 e 23 – 15 e 22.09.2016

Assunto principal: O alto custo da alteridade. A patriarcalização e a matriarcalização normal e defensiva da alteridade.

Texto de referência: O Arquétipo da Alteridade. Psicologia Simbólica Junguiana, cap. XI.

Boa noite a todos.

Nestas aulas continuaremos a elaboração da implantação do Arquétipo de Alteridade (Anima e Animus) e suas viscissitudes na 5ª e na 6ª fase da vida individual e na história do Self Cultural do Ocidente. Pelo fato de ser o padrão mais inteligente, profundo e abrangente da elaboração simbólica, a integração na Consciência do padrão de alteridade exige um grande desapego da dominância dos padrões matriarcal e patriarcal para em seguida revivê-los numa relação dialética com a dominância relativa de um ou de outro. Esse desapego é muito difícil, tanto no Self Individual, quanto no Self Cultural, pois a lei do menor esforço tende a restabelecer a dominância matriarcal ou patriarcal. Isto se deve ao fato da posição Ego-Outro, na dinâmica matriarcal ser binária, na patriarcal ser ternária e na dominância de alteridade, ser quaternária.

A posição polarizada é ternária porque o Ego percebe a luz e a Sombra do Outro, ou o Outro percebe a luz e a Sombra do Ego.

Por outro lado, a posição dialética de alteridade é quaternária, porque o Ego percebe a luz e a Sombra do Outro, que por sua vez, aponta a luz e a Sombra do Ego.

É óbvio então, que a posição quaternária é muito mais complexa, profunda, abrangente e difícil de praticar do que a posição insular matriarcal e a posição polarizada matriarcal ou patriarcal.

É óbvio, também, que a posição polarizada patriarcal é a posição de escolha para os relacionamentos autoritários, autocráticos, como são os sistemas ditatoriais.

Basta pensarmos na proposta mitológica da alteridade do Cristianismo, que exigiu nada menos que a crucificação e o sacrifício extremo de Jesus para transformar-se pela morte e pela ressurreição, e somente assim implantar a alteridade na transformação cultural, para termos

uma noção de como é difícil essa transformação. No entanto, basta pensarmos, também, na Inquisição que patriarcalizou brutalmente a alteridade durante quatorze séculos, para vermos como a própria alteridade pode nos levar à patriarcalização defensiva. Digo defensiva porque esta patriarcalização não é exercida em nome da espada autocrática, mas sim em nome da cruz da dialética do amor, da liberdade e da compaixão, que caracterizam a alteridade. Pode haver maior deformação defensiva, ou seja, patológica, da alteridade do que prender, torturar e até queimar e enforcar pessoas em nome do Cristo?

A transformação do Self Individual na quarta metanoia, ou crise dos quarenta, apresenta esse sacrifício com o desapego relativo dos arquétipos Matriarcal e Patriarcal para a implantação da alteridade com a dominância de um ou de outro. O *Livro Vermelho* de Jung, por exemplo, é um grande exemplo dessa transformação pelo sacrifício de Jung e de Ema da monogamia, da fidelidade conjugal e da limitação afetiva dele para vivenciarem a alteridade e ele se tornar capaz de amar (Guerra, Maria Helena, *O Livro Vermelho - O Drama de Amor de C. G. Jung*, 2011).

Exatamente, então, pela pujança do Arquétipo da Alteridade, do sofrimento e do chamado para empreender essa transformação do Self, é que suas possíveis fixações e defesas podem apresentar quadros clínicos de grande patologia e poder destrutivo.

A implantação da alteridade se torna ainda mais complexa, quando percebemos que ela ocorre normalmente a partir do desapego dos dois principais arquétipos e apresenta normalmente a seguir dominância patriarcal ou matriarcal. Na mitologia, temos exemplos de implantação da alteridade normal com dominância patriarcal nos mitos do Cristo e do Buda, e de dominância matriarcal no mito de Krishna. Há exemplos também de tipos mistos, como na mitologia grega, onde Zeus caminha para a alteridade pela dominância matriarcal poligâmica como fertilizador e Hera pela dominância patriarcal, patrocinando com terrível vigilância o casamento monogâmico e a vingança contra aqueles que o infringem.

No casamento de Jung e de Ema, vemos a passagem de Jung para a alteridade também de forma mista, na qual ele, por um lado, atua a dominância matriarcal, na paixão por Sabina Spilrein e depois por Toni Wolff e, por outro, mantém a dominância patriarcal na preservação da família e da convivência profissional e social com Ema e Toni Wolff. Por sua vez, Ema apresentou uma transição para a alteridade dentro da dominância patriarcal monogâmica, dedicando-se principalmente ao lar e à educação dos cinco filhos. Nesse sentido, Ema foi muito diferente de Hera, pois respeitou a maneira de ser de Jung e jamais o atacou, diferentemente de Hera, que passou boa parte de sua vida perseguindo ferrenhamente as amantes de Zeus e sua descendência heroica e divina, indiferente ao seu enorme valor cultural.

A história do Self Cultural do Ocidente apresenta cinco grandes transformações para a alteridade através da dominância patriarcal, com fixações e formações graves de defesas e uma grande transformação com dominância matriarcal.

A primeira transição para a alteridade, com dominância patriarcal seguida de patriarcalização defensiva, teve início durante o início da implantação do mito Cristão e deu origem às perseguições religiosas estruturadas na Inquisição, com a repressão defensiva articulada pelo Santo Ofício. Ela incluiu a Reforma e a Contrarreforma.

A segunda teve lugar com a instalação política e social da alteridade na Revolução Francesa (1789) que seguiu a Revolução Americana que proclamou sua independência (1776), e a terceira teve lugar na Guerra Civil nos Estados Unidos (1861-1865). A quarta ocorreu com a implantação do Comunismo na Rússia (1917-1921) e na China (1949-1976) e a quinta com o Nacional Socialismo na Alemanha (1933-1945). A grande transformação para a alteridade com dominância matriarcal foi ilustrada pelo festival musical de Woodstock (1969).

A Guerra Civil Americana foi centralizada no tema da escravatura. Fomentada pela implantação crescente da alteridade desde a vinda dos pioneiros imigrantes da Inglaterra em busca de um novo país, mas também da liberdade religiosa, a sociedade americana teria que enfrentar e elaborar mais cedo ou mais tarde a escravatura como uma fixação patriarcal defensiva da maior gravidade.

A liberdade, expressão essencial da alteridade, conquistada pela sociedade americana, baseada na ideologia de igualdade e fraternidade trazida da Europa que fundamentava a carta de princípios (*Bill of Rights*) dos pais fundadores (*founding fathers*), era incompatível com a escravatura.

Inconformados, porém, com a tendência abolicionista de 23 estados do Norte (23 milhões), apoiados pelo presidente Abraham Lincoln, 11 estados do Sul (9 milhões, incluindo 3.5 milhões de negros) buscaram a secessão pela luta armada.

A guerra durou 5 anos (1861-1865) e deixou **617.528 mortos**, sendo **359.528** do Norte e **258 mil** do Sul. Além dos mortos, deixou também 500.175 feridos, sendo 275.175 no Norte e 225.175 no Sul (Enciclopédia Britânica, 1961). A devastação do país foi catastrófica e a fixação pós-traumática afeta a interação social e política e as liberdades civis da sociedade americana até hoje.

Quando comparamos a guerra civil americana com a abolição da escravatura no Brasil (1889) apenas 24 anos depois, temos que reconhecer a grande vocação para a alteridade da sociedade brasileira expressa, entre outras características, pela miscigenação.

A transição da sociedade francesa, de dominância patriarcal baseada na monarquia e na servidão, para a sociedade republicana socialista baseada na alteridade, transformou a mudança arquetípica numa guerra defensivamente patriarcalizada que, da dimensão defensiva

guerreira psicopática atingiu a dimensão psicótica. A desorganização do Self Cultural chegou ao caos sociopolítico conhecido como O Terror, no qual opositores políticos “democráticos” passaram a guilhotinar uns aos outros diariamente.

Esse estado caótico da revolução socialista em direção à alteridade, conhecido como 1ª República (1793-1804), desencadeou uma repressão militar patriarcal defensiva psicopática e autocrática com a autocoroação de Napoleão, que se declarou imperador e decretou o fim da 1ª República. Seguiram-se as guerras napoleônicas e a hegemonia de Napoleão até sua derrota em 1815, em Waterloo.

A segunda república francesa durou de 1848 a 1852 e foi seguida por nova ditadura, desta vez por Napoleão III, que durou até 1870. Instalou-se, então, a terceira república até 1945, interrompida pela 2ª Guerra Mundial. A quarta república começou no fim da guerra em 1945 e durou até 1958, com a guerra colonialista separatista da Argélia. Ela foi continuada pela 5ª república em 1958, quando a França, sob a liderança de Charles De Gaulle, deixou de ser um estado colonialista para, somente então, entrar definitivamente num governo plenamente democrático de alteridade. **Dessa maneira, a transição para a implantação da alteridade na França, durou 169 anos.**

A terceira e a quarta transformações da Cultura Ocidental em direção à alteridade continuaram a expressão do socialismo no século 20, mas foram gravemente distorcidas pela dissociação materialista sujeito-objeto presente na Sombra cultural desde o final do século dezoito. Ambas renegaram defensivamente o mito Cristão e foram fanatizadas pelo ideal puritano da sociedade perfeita inerente à coordenação do Arquétipo Patriarcal. Elas foram o Nacional Socialismo e o Comunismo. Até hoje, poucos reconheceram o seu denominador comum arquetípico patriarcal defensivo psicopático, apesar de se perceber cada vez mais que a consequência destrutiva das duas ideologias aconteceu ao mesmo tempo e mostrou o maior potencial destrutivo da história da humanidade, com a morte de mais de milhões de pessoas. É difícil até mesmo de imaginar as consequências do armamento atômico nas mãos de Hitler e de Stalin.

O Nacional Socialismo **matou 35,5 milhões de pessoas**, sendo **17 milhões de soviéticos**, dos quais 9,5 milhões foram civis; **6 milhões judeus**, **4 milhões poloneses**, dos quais 3 milhões eram civis; **1,6 milhões de iugoslavos**, **530 mil franceses**, dos quais 350 eram civis; **450 mil italianos**, dos quais 150 mil eram civis e **396 mil soldados ingleses** (Wikipedia, 2012). A Revolução Comunista, por seu lado, **exterminou mais de 60 milhões de pessoas, sendo 23 milhões sob o comando de Lenin e Stalin e de 60 milhões de pessoas sob o comando de Mao Tse Tung, na China (fonte: Wikipedia)**. Em outra estatística publicada pelo jornal inglês Daily Mail, por Nigel Jones (07 de outubro de 2014), registra-se a

morte de 30 milhões sob o nazismo, 40 milhões sob o comunismo na Rússia (Stalin) e 60 milhões sob o comunismo na China (Mao).

As características do Nacional Socialismo que mostraram a sua coordenação inicialmente de alteridade e a seguir patriarcal foram a organização do partido nazista altamente comprometida com uma missão patriótica de transformação socialista da sociedade alemã. No entanto, a submissão do partido a um líder considerado e saudado como comandante, o Führer, com autoridade suprema, é uma característica claramente patriarcal e os ideais da pureza racial, de beleza e de higiene também o são, assim como a proibição progressiva da miscigenação e do casamento com judeus e o culto da superioridade racial, o arianismo, para dominar as demais etnias e escravizá-las (*Ascensão e Queda do Terceiro Reich*, William Shirer, RJ: Ed. Civilização Brasileira, 1964). A destruição da arte moderna com qualquer característica de representação da Sombra e a arregimentação da classe artística para expressar diretamente a perfeição humana baseada em Roma, Atenas e Esparta, ilustraram a distorção patológica da alteridade e foram seguidas pelo agravamento da psicopatia com o extermínio dos doentes mentais, sob o tema geral do combate à degradação e à eugenia. Essa distorção da alteridade e a patologização social progressiva foram multiplicadas pela formação de uma classe de médicos soldados destinada a dar assistência à saúde da população e à eliminação radical de doenças hereditárias, que caminhou para a eugenia com o extermínio de doentes e de homossexuais e, finalmente, para as câmaras de gás instaladas em campos de concentração. Elas inicialmente incluíram os doentes mentais e a seguir os liberais, os ciganos, os miscigenados e finalmente, maciçamente, os judeus.

Esta patriarcalização defensiva progressiva da alteridade desencadeou o desenvolvimento de uma indústria de guerra e de um exército com soldados doutrinados para se considerarem de raça pura, invencíveis, conquistadores do mundo e escravizadores das raças inferiores que trabalhariam para os planos grandiosos da sociedade alemã. A educação do proletariado dentro do ideal de saúde, força, perfeição e beleza comoveu a todos de tal maneira que fez com o povo alemão se sentisse uma classe só, todos unidos dentro de um corpo socialista e nacionalista com a glória de serem alemães e, por conseguinte, sem a menor conotação de uma sociedade de classes.

Atente-se para a ideia do materialismo dialético de Marx, muito difundido na Europa na segunda metade do século 19 e que culminou com a revolução comunista de 1917 na Rússia. A ideologia do materialismo dialético proclamava que a luta de classes entre o proletariado e a burguesia era o motor da história, indispensável para a implantação da sociedade comunista, sem classes, após a destruição do estado burguês. Ora, quando o Nacional Socialismo propôs a unificação da sociedade alemã com a destruição da influência judaica e bolshevista, dentro de um ideal de união nacional de beleza, saúde, força e hegemonia universal, ele estava

exatamente propondo, também, o fim da luta de classes, com a união da sociedade na implantação do Nacional Socialismo, como haviam feito Marx e Engels com o Manifesto Comunista (1848).

Quando o Manifesto Comunista proclamou: “proletários do mundo, uní-vos.”, é **impressionante a percepção da mesma patriarcalização defensiva da alteridade nas duas ideologias**. A formação de uma polícia política de espionagem e de repressão no partido nazista e depois no governo, destinada a eliminar os opositores como traidores foi em tudo semelhante ao papel da NKVD na Rússia stalinista. A eleição dos judeus e comunistas (bolchevistas) como bodes expiatórios e inimigos do regime, foi análoga à criminalização da burguesia e da nobresa na Rússia. O controle absoluto da mídia e a implantação de uma propaganda do nazismo para identificar os judeus e os comunistas como inimigos da Alemanha foram iguais à demonização stalinista da burguesia e da monarquia como inimigas da revolução comunista e formaram ideologias gêmeas no Nacional Socialismo e no Comunismo.

As características de alteridade fixadas e deformadas pela defesa patriarcal repressora psicopática e posteriormente psicótica no Nacional Socialismo eram o fervor idealista, o tratamento igual do homem e da mulher e a busca de melhorar e embelezar o mundo baseada na arte e no desenvolvimento do potencial de criatividade de cada cidadão. Vemos esse ideal romântico na admiração pela figura artística e política de Richard Wagner e seu culto à mitologia escandinava, na qual o Nacional Socialismo enraizou sua identidade histórica. O emblema da suástica, os uniformes, as bandeiras e os estandartes desenhados pelo próprio Hitler, as obras de pintura, escultura e arquitetura, a literatura, sobretudo a poesia e a música de Wagner, eram todos componentes patriarcais a serviço da alteridade deformada. A dedicação afetiva, heroica e fanática a essa causa messiânica, salvadora e transformadora do destino alemão, foi exemplarmente ilustrada pelo marechal da propaganda Goebbels e por sua esposa, ao assassinarem seus seis filhos e logo depois se suicidarem, quando Hitler se matou. Além da capacidade de abstração e **formação sistêmica** do Arquétipo Patriarcal e sua **hierarquização das polaridades** que lhe dá imenso poder, é impressionante a **ideologia absoluta** inerente à coordenação simbólica do Arquétipo Patriarcal, cuja Sombra é o fanatismo. No entanto, a posição polarizada patriarcal é sempre hierarquizada, sua vivência de totalidade inclui a projeção de um inimigo, de um bode expiatório, que predispõe à ditadura ou à guerra. Assim, foi a teoria da luta de classes do materialismo dialético que levou à ditadura do proletariado nos governos comunistas. Da mesma forma, o nazi-fascismo elegeu os judeus como bode expiatório e levou à Segunda Guerra e ao holocausto.

Para finalizar a descrição da alteridade deformada no Nacional Socialismo, não se pode deixar de mencionar a presença ostensiva da morte romântica e trágica em todo esse processo

histórico. Ele ocorre, por exemplo, sob o tema da morte do amor (*Liebestod*) tão bem expressa no dueto final de Tristan e Isolde. É importante perceber que, desde *Rienzi* (1838-1840), a primeira ópera de Wagner, que tanto impressionou Hitler em sua juventude, na qual o herói revolucionário traído morre em meio ao incêndio do Capitólio até o *Götterdämmerung*, O Crepúsculo dos Deuses, que encerra *O Anel dos Nibelungen* (1869-1874) com o Walhala, o palácio dos deuses desabando em chamas. Essas óperas de Wagner foram o pano de fundo das construções idealizadas por Hitler e seu arquiteto Speer, a serem construídas com material especial para que um dia desabassem e deixassem vestígios colossais de uma grande civilização. A morte trágica e gloriosa sempre acompanhou a imaginação mórbida patriarcal megalomaniaca de Hitler. Essa morte trágica e gloriosa é inerente ao Arquétipo do Herói Patriarcal.

Sabemos que o Arquétipo da Morte é ativado em todas as grandes transformações arquetípicas nas quais o Self vivencia a morte e a ressurreição e está intensamente presente na passagem para a alteridade da 5ª para a 6ª fase da vida. Sua fixação e deformidade, porém, na personalidade de Hitler, que o levaram a contribuir para a morte de milhões de seres humanos e finalmente para a sua própria, expressaram um núcleo de extrema gravidade, que continha, no potencial maligno de sua Sombra, **o homicídio e o suicídio**. Eles se concretizaram na atuação defensiva de sua agressividade durante o seu processo de individuação, no qual sua genial vocação política fascinou e liderou o Self Cultural da Alemanha na sua trajetória macabra, psicopática e psicótica, para a destruição de 30 milhões de seres humanos, incluindo inúmeros de seus conterrâneos e de si próprio.

Na próxima aula, a 24ª, no dia 29.09, estudaremos uma grande transformação do Self Cultural do Ocidente em direção à alteridade, com a dominância matriarcal, ilustrada simbolicamente pelo Festival de Woodstock, realizado na cidade rural de Bethel no estado de Nova York nos Estados Unidos, de 15 a 17 de agosto de 1969. (Filme: *Woodstock* (1970), documentário do diretor Michael Wadleigh).

Boa noite a todos e até a próxima quinta-feira.

Byington.